

PROFECIAS E PRÁTICAS DIVINATÓRIAS NA ANTIGUIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO INTRODUTÓRIO PARA DISTINGUIR AS PRÁTICAS LEGÍTIMAS DAS FALSAS DE ACORDO COM AS ESCRITURAS HEBRAICAS

Thiago Galbiatti Vespa¹

Resumo

As profecias tiveram um papel central na história bíblica, orientando espiritualmente e politicamente as nações, especialmente Israel. Este artigo investiga a diferença entre verdadeiros profetas e grupos como adivinhadores e falsos profetas, analisando práticas do Oriente Próximo, como hepatoscopia e presságios. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, comparando métodos e propósitos proféticos a partir de fontes bíblicas e arqueológicas. Os resultados indicam que a profecia bíblica se distingue por sua fidelidade a Deus, sem depender de técnicas divinatórias, enquanto os falsos profetas buscavam agradar a elite política. Conclui-se que os profetas verdadeiros frequentemente desafiavam estruturas de poder, reafirmando sua função como mediadores entre Deus e o povo. O estudo contribui para a compreensão das práticas espirituais na antiguidade e da singularidade da tradição profética bíblica.

Palavras-chave: Profecias; Profetas Verdadeiros; Adivinhadores; Hepatoscopia.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Received: 16/12/2024
Approved: 21/01/2025

Como citar: VESPA, T. G. Profecias e práticas divinatórias na antiguidade: um estudo comparativo introdutório para distinguir as práticas legítimas das falsas de acordo com as Escrituras Hebraicas. **Kerygma**, Engenheiro Coelho (SP), v. 19, n. 1, p. e1671, 2024. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v19.n1.pe1671>

¹ Doutor em Liderança pela Andrews University, Michigan, (Estados Unidos). Doutorando em Ciência da Computação e Matemática Computacional pela Universidade de São Paulo - USP, São Paulo. Especialista em História e Arqueologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, São Paulo. E-mail: thiagogv@gmail.com



PROPHECIES AND DIVINATORY PRACTICES IN ANTIQUITY: AN INTRODUCTORY COMPARATIVE STUDY TO DISTINGUISH LEGITIMATE FROM FALSE PRACTICES ACCORDING TO THE HEBREW SCRIPTURES

Abstract

Prophecies played a central role in biblical history, providing spiritual and political guidance to nations, especially Israel. This article investigates the distinction between true prophets and groups such as diviners and false prophets, analyzing Near Eastern practices like hepatoscopy and omens. The research employs a qualitative approach, comparing prophetic methods and purposes based on biblical and archaeological sources. The findings indicate that biblical prophecy is characterized by its fidelity to God, without reliance on divinatory techniques, while false prophets sought to please the political elite. The study concludes that true prophets often challenged power structures, reaffirming their role as mediators between God and the people. This research contributes to a broader understanding of ancient spiritual practices and the uniqueness of the biblical prophetic tradition.

Keywords: Prophecies; True Prophets; Diviners; Extispicy.

PROFECÍAS Y PRÁCTICAS ADIVINATORIAS EN LA ANTIGÜEDAD: UN ESTUDIO COMPARATIVO INTRODUCTORIO PARA DISTINGUIR LAS PRÁCTICAS LEGÍTIMAS DE LAS FALSAS SEGÚN LAS ESCRITURAS HEBREAS

Resumen

Las profecías desempeñaron un papel central en la historia bíblica, proporcionando orientación espiritual y política a las naciones, especialmente a Israel. Este artículo investiga la diferencia entre los verdaderos profetas y grupos como adivinos y falsos profetas, analizando prácticas del Oriente Próximo como la hepatoscopia y los presagios. La investigación adopta un enfoque cualitativo, comparando métodos y propósitos proféticos a partir de fuentes bíblicas y arqueológicas. Los resultados indican que la profecía bíblica se distingue por su fidelidad a Dios, sin depender de técnicas adivinatorias, mientras que los falsos profetas buscaban agradar a la élite política. Se concluye que los verdaderos profetas a menudo desafiaban las estructuras de poder, reafirmando su función como mediadores entre Dios y el pueblo. Este estudio contribuye a una comprensión más amplia de las prácticas espirituales en la antigüedad y la singularidad de la tradición profética bíblica.

Palabras clave: Profecías; Verdaderos Profetas; Adivinos; Hepatoscopia.



INTRODUÇÃO

A profecia ocupa um papel central na história bíblica, sendo fundamental desde os primeiros registros até a era apostólica, orientando o povo de Deus em momentos decisivos e determinantes para sua trajetória. Além dos profetas reconhecidos no cânon bíblico, como Moisés, Davi, Isaías e Paulo, figuras como Elias e João Batista também exerceram uma influência significativa nos eventos históricos, embora não tenham deixado escritos próprios nas Escrituras. Inicialmente designados como "videntes", em razão de sua capacidade de receber e transmitir mensagens divinas (1Sm 9:9; Am 7:12), os profetas eram reconhecidos como intermediários da palavra de Deus. No entanto, nem todos os profetas mencionados nas Escrituras são considerados autênticos, sendo necessária uma distinção entre aqueles cuja mensagem refletia a verdadeira vontade divina e os que eram entendidos como falsos profetas.

Em vista disso, este trabalho tem como objetivo principal identificar as características que distinguem os profetas verdadeiros dos falsos, conforme os padrões das Escrituras. Além disso, o estudo investiga os métodos empregados por falsos profetas e adivinhadores, com destaque para práticas como a hepatoscopia, que consistia na análise do fígado de animais sacrificados, contrastando essas práticas com as formas de revelação divina descritas nas escrituras hebraicas.

Para essa análise, é necessário compreender os textos bíblicos à luz do contexto cultural de cada período, levando em conta influências de culturas anteriores. Algumas influências culturais consideradas serão as provenientes do Antigo Mediterrâneo, do Antigo Oriente Próximo, as práticas divinatórias do século 7 a.C., durante o reinado de Assurbanipal e o auge do Império Neo-Assírio, e as influências dos textos de Mari, datados do século 18 a.C., na formação das práticas religiosas e divinatórias. Essas influências estão claramente incorporadas em conceitos filosóficos e simbólicos que, em certos casos, dialogaram com as crenças hebraicas. A convergência entre essas culturas contribuiu para o ambiente religioso e social em que os textos bíblicos foram redigidos, revelando um cenário de intercâmbio cultural complexo que impactou as formas de pensar e interpretar a revelação divina durante todo o período bíblico.



PROFECIA NA LITERATURA BÍBLICA E INFLUÊNCIAS

A existência de falsos profetas e de profetas de outras nações ou deuses é um fato bem estabelecido na Bíblia. Hananias (Jr 28:15) e Barjesus, também conhecido como Elimas (At 13:6-8), são exemplos do primeiro grupo, enquanto os seguidores de Baal (1Rs 18:22) e Balaão (Nm 22:5) são representantes do segundo. A distinção entre esses profetas e os verdadeiros é evidenciada em passagens como 2 Pedro 2:1, Deuteronômio 18:20-22 e Mateus 7:15, que oferecem alguns critérios para identificar e evitar falsos ensinamentos.

Essa complexidade na caracterização dos profetas, que inclui tanto suas funções espirituais quanto políticas, é explorada por diferentes estudiosos. Sweeney (2020) analisa os papéis dos profetas no que ele entende ser a História Deuteronomista e a História do Cronista, destacando suas funções como líderes espirituais e agentes críticos no estabelecimento e legitimação de dinastias em Israel e Judá. Ele ressalta como os profetas atuaram tanto como conselheiros de reis quanto como críticos de suas ações, moldando os destinos políticos das nações. Nissinen et al. (2019), por sua vez, oferecem uma perspectiva do Oriente Próximo ao explorar como textos antigos iluminam a compreensão da profecia bíblica. Sua análise enfoca a relação entre realeza, possessão divina e o papel dos profetas como mediadores entre o mundo divino e o humano, especialmente em contextos políticos e religiosos compartilhados com outras culturas do antigo Oriente Próximo.

Particularmente na Mesopotâmia, a figura dos profetas também desempenhou um papel significativo. Eles afirmavam receber mensagens diretamente de seus deuses e frequentemente auxiliavam líderes na tomada de decisões estratégicas, como campanhas militares ou questões políticas. Vários títulos proféticos existiam, como *apilum* (respondedor), *muhhum* (extático) e *raggimu* (proclamador). No entanto, é importante ressaltar que a profecia não era a principal forma de se obter conhecimento dos deuses naquela cultura, sendo superada por métodos mais institucionalizados, como rituais divinatórios, de uma forma diferente da dos hebreus (Sanders, 2017). Além disso, os profetas frequentemente tinham relacionamentos complexos com reis e eram associados à música, ao lamento e à possessão divina (Nissinen et al., 2019).

No período em torno do século 7 a.C., durante o reinado de Assurbanipal, o auge do Império Neo-Assírio, foram produzidas várias literaturas proféticas, refletindo um momento de grande instabilidade política e religiosa na região. Esse período é especialmente relevante



para o estudo da profecia bíblica, pois os textos produzidos nesse contexto oferecem uma visão profunda das práticas divinatórias e proféticas que influenciaram as tradições do Antigo Oriente Próximo (Kaltner; Stulman, 2004).

Tal literatura frequentemente empregava o recurso literário de inversão para descrever cenários caóticos, retratando um mundo virado de cabeça para baixo como o oposto do ideal. Essa técnica é evidente tanto em textos mesopotâmicos, como a Profecia de Marduk, quanto em fontes siro-palestinas, incluindo a inscrição de Balaão (Kruger, 2012).

O reinado de Assurbanipal também é considerado importante devido a sua influência no desenvolvimento das práticas de adivinhação e à relação complexa entre o poder político e as mensagens proféticas. No entanto, há diferenças notáveis entre esses profetas do Oriente Próximo e aqueles que as Escrituras reconhecem como verdadeiros, especialmente no que diz respeito à origem e ao propósito de suas mensagens.

Esses povos do Antigo Oriente Próximo, como os babilônios, recorriam extensivamente a práticas de adivinhação como forma de compreender e mitigar incertezas sobre o futuro. Essas práticas incluíam a leitura de presságios baseados em eventos naturais ou artificiais, que eram vistos como ferramentas para prever calamidades e traçar estratégias. De maneira semelhante às práticas contemporâneas de adivinhação, como o uso de búzios ou cartas de tarô, os adivinhadores do Oriente Próximo utilizavam técnicas como hepatoscopia ou a observação de fenômenos atmosféricos, como a formação de nuvens (2Rs 21:6). Essas práticas diferiam substancialmente da profecia verdadeira apontada pela Bíblia, que era entendida como revelação da vontade divina, sem dependência primordial de rituais ou elementos externos, embora haja certa influência do conhecimento cultural do profeta.

Apesar das proibições explícitas na Lei de Moisés, é inegável que as culturas circundantes influenciaram as práticas espirituais israelitas (Hess, 2007). Vestígios arqueológicos sugerem que práticas comuns do Antigo Oriente Próximo, como contatar os mortos por meio de médiuns, adoração de múltiplas divindades, sacrifícios de crianças e formas de adivinhação, como a hepatoscopia, podem ter coexistido com a profecia hebraica (Schneider, 1998). No entanto, a ênfase das profecias bíblicas está no arrependimento e na fidelidade à aliança divina, e isso cria uma distinção clara entre os profetas bíblicos e as práticas puramente divinatórias encontradas na Mesopotâmia. Enquanto os presságios mesopotâmicos frequentemente se concentravam em eventos futuros, como conquistas militares ou desastres naturais, os profetas bíblicos destacavam o arrependimento como



condições fundamentais para o favor divino. Para estes, o relacionamento com Deus não dependia apenas de previsões de eventos, mas da resposta do povo à vontade divina expressa por meio da fidelidade à aliança.

O papel do tempo nas práticas divinatórias também merece destaque. Em muitas culturas antigas, acreditava-se que o futuro era um tecido fluido, sujeito a mudanças conforme as ações humanas e a intervenção divina (Leão; Frazier, 2010). Essa visão contrastava com a perspectiva linear e teleológica frequentemente associada à profecia bíblica, que enfatizava a soberania divina sobre o tempo e os eventos futuros. Embora existam passagens que apresentam profecias condicionais, indicando a influência humana em eventos futuros, a soberania divina permanece central, mesmo nessas condições, pois é Deus quem decide reverter ou confirmar seus desígnios (Jr 18:6-10).

É importante notar que, desde o período escriturístico da Bíblia até os dias atuais, práticas que podem ser classificadas como divinatórias e proféticas são observadas. Além do período veterotestamentário, uma das influências mais predominantes no período neotestamentário, que ainda impacta o mundo contemporâneo, é a cultura grega.

Na Grécia Antiga, a prática de buscar orientação divina também estava profundamente enraizada na cultura e na religião. Um dos exemplos mais célebres é o Oráculo de Delfos, onde a sacerdotisa Pítia transmitia mensagens do deus Apolo. Localizado no sopé do Monte Parnaso, Delfos era considerado o “umbigo do mundo” pelos gregos, um centro espiritual onde líderes e cidadãos comuns consultavam Apolo sobre decisões importantes.

As consultas ao oráculo eram realizadas em um ritual específico: a Pítia entrava em transe, supostamente induzido por vapores naturais emergentes do solo. Nesse estado alterado de consciência, ela pronunciava mensagens enigmáticas, que eram posteriormente interpretadas por sacerdotes. Muitas dessas mensagens eram ambíguas, como o famoso exemplo dado ao rei Cresos da Lídia, interpretado como uma promessa de vitória, mas que na prática levou à sua derrota (Price, 1940). Esse episódio ilustra como os oráculos poderiam ser interpretados de maneiras diferentes dependendo do contexto sociopolítico.

Além das práticas realizadas pelo Oráculo de Delfos, os gregos também praticavam a oniromancia², a necromancia³ e o uso de sinais naturais, como o voo de pássaros, para obter

² Interpretação de sonhos.

³ Consulta aos mortos.



orientação divina (Struck, 2016). A popularidade de práticas semelhantes a essa, a relevância cultural no mundo antigo e a influência subsequente na cultura judaica não podem ser ignoradas.

No caso do Oráculo de Delfos, a conexão com o tempo manifestava-se na crença de que os deuses se comunicavam em um momento oportuno. Essa ênfase na temporalidade reflete ecos de outras culturas, como a mesopotâmica, onde práticas como a hepatoscopia e outros métodos divinatórios eram utilizados para determinar momentos propícios para ações importantes (Boschung, 2013). Assim, é possível identificar influências divinatórias ao longo de todo o período bíblico, contrastando-as com as ações e características distintas dos verdadeiros profetas, que se destacavam pela fidelidade à aliança divina e pela rejeição de apenas métodos técnicos para revelação.

PROFECIA COMO UM CHAMADO DIVINO EM CONTRASTE COM A LEITURA DE FÍGADOS

A análise comparativa entre os textos bíblicos e mesopotâmicos evidencia distinções profundas nas concepções de oráculo e mensagem divina. Enquanto estudos como os de Jeffers (1996) e Nissinen et al. (2019) destacam o papel dos profetas e adivinhadores no antigo Oriente Próximo, eles também revelam diferenças significativas em suas funções e propósitos. Os profetas hebraicos distinguiam-se por suas mensagens que desafiavam as estruturas de poder e enfatizavam a aliança entre Deus e o povo de Israel. Além disso, é importante observar que, embora a noção ética estivesse mais centrada nas profecias de Israel, algumas profecias fora de Israel também apresentavam elementos éticos (Nissinen et al., 2019).

No entanto, embora a profecia bíblica se diferencie das práticas divinatórias mesopotâmicas, isso não implica necessariamente que estivesse isenta de aspectos ritualísticos ou situações que precedessem a revelação. Há evidências nos textos sagrados que sugerem a existência de certos procedimentos ou contextos específicos que poderiam favorecer o recebimento de uma mensagem divina, como a proximidade dos profetas a locais sagrados (1Sm 3; Jz 4), atitudes como jejum e choro (2Cr 20:3; Jz 20:26-28) ou o uso do Urim e Tumim (Êx 28:30; Nm 27:21; 1Sm 28:6).

Esses exemplos sugerem que, em alguns casos, os profetas seguiam práticas reconhecidas para buscar uma mensagem divina. Assim, em vez de opor a espontaneidade à sistematização, é mais adequado compreender que a profecia bíblica podia incluir tanto



aspectos espontâneos quanto possíveis elementos favoráveis para a profecia, refletindo uma interação entre o divino e o humano.

Em contraste, a hepatoscopia, amplamente difundida entre civilizações antigas como babilônios, etruscos, gregos e romanos, seguia um conjunto de práticas estruturadas e especializadas, com foco especializado e predominante em conquistas militares e políticas. Essas culturas consideravam o fígado como o centro da atividade mental e emocional, acreditando que ele podia fornecer sinais sobre o futuro e a vontade dos deuses (Martins; Martins, 2013). Por outro lado, os textos bíblicos rejeitam explicitamente tais métodos, como evidenciado em passagens mosaicas que condenam práticas como adivinhação e feitiçaria.

Conforme Koch-Westenholz (2000), os textos mesopotâmicos sobre hepatoscopia fornecem diretrizes detalhadas para interpretar padrões no fígado de animais, refletindo uma abordagem sistemática e pragmática de uma suposta consulta aos seus deuses. Jeffers (1996) descreve instruções detalhadas para a hepatoscopia, registradas em modelos de argila e tábuas cuneiformes, com exemplos encontrados em sítios arqueológicos mesopotâmicos e israelitas, como Megido (Cogan, 2013) e Hazor (Horowitz; Oshima; Winitzer, 2010). Esses textos mostram como a prática era estruturada, com observações minuciosas sobre as características dos fígados.

Um texto mesopotâmico fornecido por Koch-Westenholz (2000) contém 120 presságios relacionados aos padrões observados nos fígados, embora apenas uma fração tenha sido preservada. Para compreender como a análise era realizada, no Texto 1 foram feitas traduções livres de dez presságios preservados, que fornecem uma visão das interpretações desses sinais divinatórios:



Texto 1 – Exemplos de presságios em fígados

1. Se houver dois caminhos traçados paralelamente, então a fundação será estável e a paz prevalecerá.
2. Se dois caminhos correrem lado a lado, então o exército abandonará sua campanha por outra.
3. Se o segundo caminho estiver curvado e apontar para o normal, então armas deixadas inutilizadas atacam o príncipe.
4. Se o segundo caminho estiver curvado, apontar para o normal e houver uma lacuna, então o inimigo será derrotado em batalha.
5. Se o segundo caminho estiver dentro do caminho normal, então alguém ajudará as tropas a mudarem de ideia.
6. Se o segundo caminho estiver dentro do caminho normal e curvado, então alguém auxiliará as tropas, levando ao abandono.
7. Se o segundo caminho estiver dentro do caminho normal e for cercado por correntes de ar, então um espião infiltrará o exército.
8. Se o segundo caminho for traçado na base da presença, então uma terra estrangeira buscará a ajuda do príncipe.
9. Se o segundo caminho for traçado na base da presença e for curto, então uma divindade fará exigências a um homem.
10. Se o segundo caminho apontar para a base da presença, então o inimigo sitiárá o território do príncipe.

Fonte: Koch-Westenholz (2000)

Embora o texto possa aparentar certa complexidade, a expressão “caminho” e seus complementos configuram termos técnicos diretamente associados às características observadas no fígado. A partir dessas observações, os adivinhadores elaboravam interpretações para inferir presságios, os quais evidenciam a relevância atribuída à hepatoscopia na previsão de eventos políticos e militares, como exemplificado pela estrutura condicional “Se [...], então (evento político ou militar)”. Nesse contexto, Winitzer (2011) destaca que os presságios mesopotâmicos, incluindo a hepatoscopia, eram frequentemente organizados segundo uma lógica típica da Mesopotâmia, conhecida como sentença casuística. Essa estrutura é composta por uma prótase (se...) e uma apódose (então...), em que a prótase apresenta uma hipótese específica em análise e a apódose oferece uma previsão ou interpretação dessa hipótese.



Além de sua função divinatória, a hepatoscopia desempenhava um papel central na organização social e no processo decisório em diversas culturas da antiguidade. A interpretação dos sinais do fígado não se restringia à orientação de estratégias militares e batalhas, mas também exercia influência significativa sobre rituais religiosos e na definição de comportamentos políticos por parte dos governantes.

ASSOCIAÇÃO COM AS ESCRITURAS HEBRAICAS

Com o entendimento da existência e da prática das adivinhações, especialmente a leitura do fígado, fica mais fácil compreender alguns textos bíblicos escritos no mesmo período. Como foi visto, o adivinhador tentava prever o sucesso ou o fracasso em batalhas. Um exemplo dessa prática pode ser visto nas escrituras que descrevem um ataque do rei da Babilônia a Jerusalém:

Porque o rei de Babilônia parará na encruzilhada, no cimo dos dois caminhos, para fazer *adivinhações*; aguçará as suas flechas, consultará as imagens, *atentará para o fígado*. À sua direita estará a *adivinhação* sobre Jerusalém, para ordenar aos capitães, para abrirem a boca, ordenando a matança, para levantarem a voz com júbilo, para porem os aríetes contra as portas, para levantarem trincheiras, para edificarem baluartes. Isto será como *adivinhação vã*, aos olhos daqueles que lhes fizeram juramentos; mas ele se lembrará da iniquidade, para que sejam apanhados (Ez 21:21-23, *grifo nosso*).

Ezequiel, que viveu na Babilônia (Ez 1:1), estava familiarizado com as práticas locais de adivinhação, incluindo a leitura do fígado. Greenberg (1993, p. 268) interpreta a frase “à sua direita estará a adivinhação sobre Jerusalém” (verso 22: *bîyminô hayâ haqesem yerûšālayim*⁴) como uma referência à prática de hepatoscopia. Ele argumenta que o sufixo pronominal em *bîyminô*⁵ se refere ao fígado, e não a Nabucodonosor, como geralmente assumido nas interpretações tradicionais. Dessa forma, o texto indicaria que “no lado direito do fígado estava a adivinhação de Jerusalém”, sendo o lado direito do fígado considerado favorável, de acordo com a cultura da época (Cohen, 2007, p. 301-302). Essa leitura aponta que o rei babilônico deveria atacar Jerusalém.

Entretanto, é importante destacar algumas diferenças fundamentais entre os adivinhadores e os profetas: os adivinhadores eram especialistas treinados para interpretar

⁴ בימינו היה הקסם ירושלם

⁵ בימינו



presságios e frequentemente serviam à corte real, enquanto os profetas não necessitavam de qualificações intelectuais formais e pertenciam a diferentes classes sociais (Hamori, 2013; Villiers, 2010). Embora o povo hebreu convivesse com esse tipo de prática, a adivinhação era proibida pela Lei de Moisés, como podemos observar em Deuteronômio:

Entre ti não se achará quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem quem consulte a um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti (Dt 18:10-12).

Além disso, vários outros textos bíblicos condenam a prática da adivinhação, como Levítico 19:31; 20:6 e Isaías 8:19, sendo que a pena para quem praticasse essas atividades poderia ser a morte por lapidação (Lv 20:27).

FALSOS E VERDADEIROS PROFETAS

Além das características comuns dos adivinhadores, como profissionais treinados na arte da adivinhação, uma semelhança importante entre eles e os falsos profetas era a proximidade com a corte real. Essa proximidade tornava comum a categoria de profecias conhecidas como "profecias de paz", que visavam agradar ao rei e garantir o apoio das autoridades. No período neo-assírio, várias profecias de paz foram encontradas. Este é um exemplo típico do tablete SAA 9 3.2 (linhas i 27–ii 9):

Ouçã atentamente, ó, assírios! O rei venceu o seu inimigo! Do nascer ao pôr do sol, pisoteou seu inimigo embaixo dos seus pés. [...] Ashur deu a ele o mundo inteiro. De lugar onde o sol nasce até onde ele se põe, *não há rei que se compare a ele*. Ele é brilhante como o sol! Este é o *oráculo da paz* [*šulmu*] colocando diante de Bel-Tarbasi e diante de outros deuses. (Nissinen et al., 2019, p. 119, tradução própria, *grifo nosso*)

Como se pode observar pelas palavras utilizadas, esses oráculos da paz (*šulmu*) tinham o objetivo claro de agradar ao rei, lisonjeando-o e reforçando seu poder diante de uma crise nacional ou ameaça de batalha. Apesar de os hebreus também terem profecias de paz (Jr 28:9; Ez 13:16; Is 57:19), aquelas que visavam apenas agradar o rei com promessas enganosas de paz eram classificadas como falsas. Por outro lado, existem algumas profecias bíblicas que reforçam a vitória, mas não têm como objetivo engrandecer o rei; ao contrário, elas anunciam a intervenção divina para garantir a vitória.



Um exemplo disso pode ser encontrado no capítulo 37 de Isaías, onde há uma profecia de salvação para Ezequias diante da ameaça de Senaqueribe. Esse tipo de mensagem não visa agradar ao rei, mas fortalecê-lo em sua fé e confiança em Deus durante a crise. Já os profetas que apenas proclamavam a paz foram criticados nas Escrituras, como podemos ver em Miqueias 3:5: “Assim diz o Senhor acerca dos *profetas* que *fazem errar* o meu povo, que mordem com os seus dentes, e *clamam paz*; mas contra aquele que nada lhes dá na boca preparam guerra (*grifo nosso*).”

Essas mensagens lisonjeiras contrastam fortemente com a condenação hebraica aos falsos profetas, que enganavam o povo com promessas de paz que não se cumpriam. A crítica a esses profetas não era apenas por suas mentiras, mas pela forma como elas distorciam a verdadeira palavra de Deus, que muitas vezes trazia mensagens de advertência e julgamento, e não de paz superficial.

Em termos explicativos, o Quadro 1 apresenta uma comparação entre verdadeiros profetas e os falsos ou adivinhadores conforme visto até o momento e como eles se diferenciam no contexto bíblico e cultural, destacando seus principais aspectos e características.

Quadro 1 – Comparação entre profetas verdadeiros e profetas falsos/adivinhadores

Aspectos	Profetas Verdadeiros	Profetas Falsos e Adivinhadores
Finalidade	Conduzir o povo ao arrependimento e à fidelidade a Deus.	Agradar autoridades ou predizer eventos específicos para obter favor pessoal.
Método de Profecia	Palavra predominantemente espontânea, embora seja possível alguns elementos que favoreçam o recebimento da mensagem.	Uso predominante de rituais ou técnicas de adivinhação, como leitura de fígados ou consultas espirituais.
Público	Alcança todas as classes sociais, tanto a corte real quanto os marginalizados.	Frequentemente ligado à corte real ou elites.
Mensagem Central	Arrependimento e fidelidade à aliança com Deus.	Paz e prosperidade ou previsões militares e políticas.
Postura Diante da Verdade	Denuncia pecados e injustiças, mesmo contra líderes poderosos.	Adapta a mensagem para agradar ou ganhar recompensas.
Aceitação	Frequentemente rejeitados ou perseguidos pela mensagem incômoda.	Geralmente aceitos por autoridades devido às previsões favoráveis.
Base Ética	Fundamentada em valores eternos e na obediência a Deus.	Alinhada a interesses humanos, políticos ou financeiros.
Rejeição na Bíblia	Nunca rejeitados por Deus quando fiéis à missão divina.	Condenados pela Lei (Dt 18:10-12; Lv 20:27) e associados à abominação.

Fonte: Elaborado pelo autor



Essa análise destaca a singularidade dos verdadeiros profetas, cuja missão transcendeu interesses pessoais ou políticos, apresentando mensagens em conformidade com a vontade divina. Em contraste, os falsos profetas e adivinhadores buscavam atender expectativas humanas, frequentemente distorcendo a verdade e conduzindo o povo ao erro.

É importante destacar que o relato de 1 Reis 22:23, que descreve o envio de um espírito enganador por parte de Deus, não deve ser entendido como uma validação da falsidade, mas como uma demonstração da condenação bíblica aos profetas que proclamam mensagens ilusórias de paz (1Rs 22:12). Nesse contexto, a permissão divina para tal engano reflete um julgamento sobre aqueles que insistem em seguir caminhos de autoengano. Essa distinção ressalta a importância, válida em todas as épocas, de avaliar a origem e o propósito das mensagens espirituais, enfatizando a fidelidade à revelação divina como um critério essencial para reconhecer a autenticidade profética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das práticas divinatórias e das profecias no contexto bíblico e cultural revela contrastes significativos entre os verdadeiros profetas e outros grupos, como adivinhadores e falsos profetas, de acordo com as escrituras hebraicas. Enquanto os adivinhadores utilizavam métodos técnicos e ritualísticos, como a hepatoscopia e presságios, e frequentemente buscavam agradar líderes políticos, os verdadeiros profetas bíblicos distinguiam-se por sua conexão com Deus e pela centralidade de suas mensagens em arrependimento e fidelidade à aliança divina. Além disso, as culturas de civilizações como a Mesopotâmia e a Grécia coexistiram com as práticas espirituais do período bíblico. Essas civilizações possuíam suas próprias práticas espirituais e crenças, que frequentemente contrastavam com as tradições hebraicas.

Embora o presente estudo tenha abordado as interações entre as práticas divinatórias e as profecias no contexto bíblico, diversas áreas ainda carecem de um exame mais aprofundado em investigações futuras. A ampliação da análise para outros contextos geográficos e temporais seria altamente enriquecedora, permitindo a exploração das influências culturais externas nas práticas proféticas e divinatórias em regiões como o Egito e a Pérsia. Um estudo mais detalhado poderia focar nas distintas abordagens adotadas pelas diferentes escolas de pensamento, tanto do judaísmo quanto do cristianismo, no que tange à



questão da autenticidade profética ao longo dos séculos, com ênfase nas práticas associadas aos falsos profetas. Investigações acerca da continuidade e evolução das práticas divinatórias no contexto pós-bíblico, assim como as formas de reinterpretá-las em diferentes períodos históricos, poderiam oferecer uma perspectiva mais abrangente sobre a persistência dessas práticas no mundo contemporâneo.

Em última instância, a continuidade da discussão sobre a autenticidade das mensagens espirituais, tanto no contexto bíblico quanto em sua recepção moderna, destaca a necessidade de discernir entre as vozes que buscam promover a verdadeira fidelidade à aliança divina e aquelas que manipulam a espiritualidade em benefício próprio, uma questão que continua a ser relevante na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSCHUNG, D. **Kairos as a figuration of time: a case study**. Paderborn: Wilhelm Fink, 2013.
- COGAN, M. A new cuneiform text from Megiddo. **Israel Exploration Journal**, v. 63, n. 2, p. 131-134, 2013.
- COHEN, C. Right and left. *In*: SKOLNIK, Fred (ed.). **Encyclopaedia judaica**. 2. ed Farmington Hills: Macmillan Reference USA, 2007. v. 17. p. 301-302.
- GREENBERG, M. Nebuchadnezzar and the Parting of the Ways: Ezek. 21:26-27. *In*: COGAN, M.; EPH'AL, I. (ed.). **Ah, Assyria...: Studies in Assyrian history and Ancient Near Eastern historiography presented to Hayim Tadmor**. Jerusalem: Magnes, 1993. p. 267-271.
- HAMORI, E. The prophet and the necromancer: women's divination for kings. **Journal of Biblical Literature**, v. 132, n. 4, p. 827-843, 2013.
- HESS, R. **Israelite religion: an archaeological and biblical survey**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007.
- HOROWITZ, W.; OSHIMA, T.; WINITZER, A.. Hazor 17: another clay liver model. **Israel Exploration Journal**, v. 60, n. 2, p. 129-132, 2010.
- JEFFERS, A. **Magic and divination in ancient Palestine and Syria**. Leiden: Brill, 1996. (Studies in the History of the Ancient Near East, v. 8).
- KALTNER, J.; STULMAN, Louis. **Inspired speech: prophecy in the ancient Near East essays in honor of Herbert B. Huffmon**. New York: T&T Clark, 2004.
- KOCH-WESTENHOLZ, U. **Babylonian liver omens**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2000.



KRUGER, P. A world turned on its head in ancient Near Eastern prophetic literature: a powerful strategy to depict chaotic scenarios. **Vetus Testamentum**, v. 62, n. 1, p. 58-76, 2012.

LEÃO, D.; FRAZIER, F. **Tychè et Pronoia**: la marche du monde selon Plutarque. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-8281-53-1>. Acesso em: 09 set. 2024.

MARTINS, A.; MARTINS, C. **History of liver anatomy**: Mesopotamian liver clay models. **Hepato Pancreato Biliary**, v. 15, n. 4, p. 322-323, 2013.

NISSINEN, M.; SEOW, C. L.; RITNER, R. K.; MELCHERT, H. C. **Prophets and prophecy in the ancient Near East**. 2. ed. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2019. (Writings from the Ancient World, n. 12).

PRICE, H. Some philosophical questions about telepathy and clairvoyance. **Philosophy**, v. 15, n. 60, p. 363-385, 1940.

SANDERS, S. Why prophecy became a biblical genre. First Isaiah as an instance of Ancient Near Eastern text-building. **Hebrew Bible and Ancient Israel**, v. 6, n. 1, p. 26-52, 2017.

SCHNEIDER, M. Reviewed Work: Ancient Israelite Religion Susan Niditch. **Review of Religious Research**, v. 40, n. 1, p. 92-93, 1998.

STRUCK, P. 2013 Arthur O. Lovejoy lecture: a cognitive history of divination in Ancient Greece. **Journal of the History of Ideas**, v. 77, n. 1, p. 1-25, 2016.

SWEENEY, M. The distinctive roles of the prophets in the Deuteronomistic history and the Chronicler's history. In: KELLE, Brad; STRAWN, Brent (ed.). **The Oxford Handbook of the historical books of the Hebrew Bible**. New York: Oxford University Press, 2020. p. 201-213.

VILLIERS, G. The origin of prophetism in the Ancient Near East. **HTS Teologiese Studies/Theological Studies**, v. 66, n. 1, p. 1-6, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.4102/hts.v66i1.795>. Acesso em: 16 set. 2024.

WINITZER, A. Writing and mesopotamian divination: the case of alternative interpretation. **Journal of Cuneiform Studies**, v. 63, p. 77-94, 2011.